

UMA ANÁLISE DA PAUSA E DA DURAÇÃO SILÁBICA NA LEITURA DO ROMANCE *UM COPO DE CÓLERA*, DE RADUAN NASSAR

Daniela MENEZES 89

Vera PACHECO 90

Resumo: Este artigo descreve e analisa aspectos prosódicos do romance *Um copo de cólera*, de Raduan Nassar. Inicia-se com a apresentação dos marcadores prosódicos propostos por Cagliari (2002) para a aproximação entre língua oral e língua escrita literária. Em seguida, abordamos aspectos da estrutura do romance relacionados ao ato da leitura e ao posicionamento do leitor como falante/ouvinte. Procedemos então à análise acústica de trechos lidos da obra, focando-nos em dois correlatos físicos da produção rítmica: a pausa e o alongamento da sílaba tônica final das frases entoacionais.

Palavras-chave: Marcadores prosódicos. Ritmo. Raduan Nassar.

Abstract: *This paper describes and analyses the prosody of Raduan Nassar's novel Um copo de cólera. We begin with an introduction to the prosodic markers presented by Cagliari (2002) to link oral to literary language. After that, we deal with aspects of the Novel that are related to the act of reading and to the role of the reader as speaker/listener. We then proceed to an acoustic analysis of excerpts read from the novel, focusing on two physical correlates of rhythm: pauses and lengthening of the last stressed syllable in the intonational phrase.*

Keywords: *Prosodic markers. Rhythm. Accoustic analysis. Raduan Nassar.*

⁸⁹ Mestre em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e doutoranda pelo programa de letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: danielacdm@yahoo.com.br

⁹⁰ Professora-doutora do programa de pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: vera.pacheco@gmail.com

Introdução

Ao lermos um texto em voz alta, apresentamos variações de volume, de velocidade de fala e de entoação. Essas variações correspondem à prosódia do texto e podem ser semelhantes àquelas encontradas na fala espontânea. O leitor, ao se colocar na posição de falante, reestrutura as informações retiradas do texto escrito para melhor compreendê-las (CAGLIARI, 2002, p.4).

Alguns gêneros da escrita se destacam por possuir marcas prosódicas que os aproximam da língua falada. Dentre eles está a narrativa literária, cujo leitor, ao se transportar para a realidade da personagem, reproduz o contexto da fala para captar nuances de comportamento expressas, na língua oral, com variações prosódicas.

Uma pista utilizada pelo leitor para recuperar, no ato da leitura, a prosódia da fala são as menções ao modo de dizer das personagens. Embora o autor do romance possa utilizar a descrição para apresentar as personagens ao leitor, este passa a conhecê-las melhor tendo contato com o que elas dizem. Atitudes e sentimentos são representados não só pelo conteúdo semântico das falas, mas também pelos mecanismos que a escrita tem para sinalizar variações de volume, entoação e ritmo da fala.

Outros expedientes utilizados para dar vida à fala das personagens no texto narrativo são: a própria formatação do texto e o uso de sinais de pontuação que, juntamente com as indicações de pausa, velocidade e volume⁹¹, configuram o que Cagliari (1989) chamou de marcadores prosódicos da escrita.

Esses são, pois, os meios que a língua escrita tem para aproximar-se da fala. A partir dessa configuração textual, o leitor tem pista para depreender o comportamento das personagens.

Ao nos depararmos, contudo, com o romance *Um copo de cólera*, de Raduan Nassar, encontramos nessa obra estrutura que marca o estilo próprio do autor⁹²: os capítulos do livro não são divididos em vários parágrafos; há escassez de pontos finais, já que a obra se caracteriza por contar apenas com os pontos finais que encerram os capítulos; e há uso abundante de vírgulas, aspas, conjunções “e”.

⁹¹ Os indicadores referidos são lexicais e determinadas classes de palavras são bastante produtivas para expressar variações prosódicas. Destacam-se verbos como “gritar” e “sussurrar”, advérbios como em “falou baixinho”, interjeições e adjetivos como em “falou com voz nervosa”

⁹² O autor possui dois romances publicados: “Um copo de cólera” e “Lavoura arcaica”. A estrutura prosódica mencionada é comum aos dois romances.

Apesar da organização estrutural nada convencional, a leitura dessa obra está longe de ser caótica, como se pode pensar a uma primeira vista. É possível encontrar no romance certa cadência macro e micro textual que fornece pistas prosódicas sobre as falas e as atitudes de suas personagens.

Frente à singularidade das obras de Raduan Nassar, em especial do livro *Um copo de cólera*, perguntamo-nos: como o leitor, ao colocar-se na posição de falante, utiliza-se de pausas e alongamento silábico para estruturar prosodicamente sua leitura em voz alta?

Diante dessa pergunta, nosso objetivo, neste artigo, é avaliar os recursos gráficos, formatação do texto e escolhas lexicais usados por Nassar, bem como avaliar de que maneira os leitores implementam, na leitura em voz alta, o ritmo construído a partir desses recursos.

Nossa hipótese é a de que a marcação prosódica da obra *Um copo de cólera* se dá desde a composição e estruturação dos seus capítulos – a maioria é de capítulos curtos, combinados com um único capítulo longo (O esporro) – à escolha lexical e forma singular de usar os sinais de pontuação. Quanto à realização oral dessas marcas prosódicas na leitura em voz alta, a hipótese aqui testada é a de que o leitor usará pausas e duração silábica como estratégias no estabelecimento do ritmo de leitura.

Os resultados obtidos nessa pesquisa permitem conhecer um pouco mais a obra de Raduan Nassar, importante escritor brasileiro contemporâneo, além de trazer informações importantes sobre a relação escrita x prosódia, temática que vem sendo trabalhada dentro dos estudos linguísticos, especialmente pela Fonética e Fonologia.

Diante disso, acreditamos que os resultados aqui obtidos possam contribuir para o ensino de literatura brasileira, bem como para o ensino de leitura e produção de textos, além de trazer dados empíricos para as pesquisas em Literatura e Linguística.

Os marcadores prosódicos

Como já ressaltamos, vários recursos, na escrita, marcam aspectos prosódicos característicos da língua falada. Cagliari (2002, p.2) enumera os marcadores prosódicos da escrita: 1) a pontuação; 2) o uso de expressões que marcam o modo de dizer; 3) comentários do autor sobre o modo de dizer; 4) uso da formatação de texto; 5) uso de diferentes tipos de letras para marcar destaques. O autor também explicita quais elementos da língua oral são representados por marcadores prosódicos na escrita: qualidade da voz, entoação, volume, velocidade de fala, ritmo, tessitura e acento.

A pontuação é, no texto, a principal pista que o leitor tem para a delimitação de unidades, sejam elas sintáticas (os sintagmas) ou fonológicas (os grupos tonais, rítmicos ou acentuais)⁹³. Essas unidades também caracterizam blocos semânticos – os grupos tonais correspondem a diferentes atitudes do falante em relação ao conteúdo narrado. Desse modo, os enunciados declarativos com informação completa - delimitados por ponto final – terminam tipicamente com curva de frequência fundamental (F0) descendente (CAGLIARI, 2007; MADUREIRA, 1994), os enunciados declarativos com informação incompleta - delimitados por vírgula ou por dois pontos - podem terminar com curva de F0 descendente ou nivelada (CAGLIARI, 2007), e o ponto de interrogação suscita subida ou descida de F0 no final do enunciado, de acordo com o tipo de pergunta⁹⁴ (MADUREIRA, 1994).

Vocábulos e expressões pertencentes às categorias gramaticais verbo, substantivo, adjetivo e interjeição marcam o modo de dizer das personagens. Alguns verbos, como ‘exclamou’, ‘declarou’ e ‘perguntou’, são pistas para o leitor para a realização oral do trecho sob o seu escopo com determinados padrões entoacionais. Outros verbos, como ‘murmurou’ e ‘gritou’ fazem referência ao volume de voz. Já a qualidade de voz corresponde, semanticamente, às atitudes, emoções e sentimentos dos falantes. Ela precisa ser representada na escrita porque “dá um colorido especial ao texto, cria um maior envolvimento entre leitor e texto” (CAGLIARI, 1989, p.9).

A tessitura, definida por Cagliari (2002) como o intervalo entre o som mais agudo e o som mais grave na escala melódica de um falante, é outro elemento da fala registrado na escrita. Quando um falante se expressa em sua tessitura mais baixa, ele pode estar demonstrando a não importância daquilo que disse ou, pelo contrário, pode estar destacando um trecho do seu discurso (CAGLIARI, 2002). A variação na escala melódica destaca mudança de atitude, mas o correlato semântico-pragmático do uso de diferentes tessituras só pode ser apreendido no contexto da fala. Outras funções da tessitura são a diferenciação de turnos dialógicos (quando uma pessoa narra a fala de outros) e o realce de aspectos do tempo ou do espaço em que a história acontece.

O texto escrito tem como recursos o itálico, o sublinhado, o negrito e as letras em caixa alta para dar destaque a algumas passagens. Esses diferentes tipos de letras normalmente representam aumento de volume, tessitura ou mudança na qualidade de voz. As palavras

⁹³ Para uma análise acústica da pausa e duração silábica suscitada por diferentes sinais gráficos no português brasileiro, ver Pacheco (2007).

⁹⁴ Perguntas parciais (iniciadas por pronomes interrogativos) apresentam queda de F0 ao final do enunciado, enquanto perguntas totais terminam com subida da curva de F0.

também podem aparecer com suas sílabas separadas, sugerindo, de acordo com Cagliari (1989,2002), mudança de ritmo e de velocidade de fala.

A formatação do texto inclui, no caso de textos narrativos, a divisão em capítulos e parágrafos, e está fortemente associada à construção do ritmo. Parágrafos curtos podem refletir, por exemplo, um pensamento organizado. Já parágrafos longos podem indicar maior velocidade de fala ou atitude digressiva do escritor em relação ao conteúdo narrado. É importante ressaltar, contudo, que a interpretação sobre o significado do tipo de formatação não pode ser feita de maneira genérica, mas somente a partir do texto analisado.

Assim, a pergunta posta é a de que forma Raduan Nassar, em *Um copo de cólera*, organiza e explora as marcas e formatação textual para indicar ao seu leitor as variações melódicas e a de que forma a marcação rítmica, especificamente as pausas e a duração da sílaba tônica, concorrem para essa marcação.

Metodologia

Para execução desta pesquisa, foram adotados dois procedimentos metodológicos: descrição e análise da obra e análise instrumental da produção de pausas e de alongamento da sílaba tônica final nos trechos lidos em voz alta.⁹⁵

A descrição e a análise de *Um copo de cólera* constituem-se de caracterização do enredo, de exposição dos elementos prosódicos que compõem o ritmo da obra e de elucidação da inter-relação entre aspectos prosódicos e semânticos.

Para a análise acústica, selecionamos o primeiro capítulo do livro para a leitura em voz alta pelos participantes da pesquisa. Escolhemos solicitar a leitura do capítulo inteiro (com duração aproximada de uma página) para que o leitor lesse um texto com começo e fim, podendo assim perceber como o texto é organizado prosodicamente.

Os três participantes da pesquisa têm idade entre vinte e trinta anos, são naturais da Bahia e possuem nível universitário (graduação completa ou em curso). O sujeito 1 é do sexo feminino e os sujeitos 2 e 3 do sexo masculino⁹⁶. A nenhum deles foi dado conhecimento sobre o tema da pesquisa.

⁹⁵ Embora haja outros parâmetros físicos importantes para a análise do ritmo, como a intensidade e a frequência fundamental, a abordagem de todos fugiria ao escopo dessa pesquisa e constitui tema a ser exposto em trabalhos futuros.

⁹⁶ A diferença entre a leitura feita por indivíduos do sexo feminino e do sexo masculino não foi foco desta pesquisa. Objetivamos observar a implementação do ritmo de leitura independentemente do sexo do informante.

Aos informantes foi pedido que lessem o texto selecionado em voz alta cinco vezes⁹⁷. Entre uma leitura e outra, foram aplicadas tarefas distratoras feitas de perguntas sobre o texto ou sobre outros assuntos, e de outras pequenas leituras relacionadas ao material de análise. As gravações duraram, em média, trinta minutos para cada informante.

As gravações foram realizadas no Laboratório de Pesquisa e Estudos em Fonética e Fonologia (LAPEFF) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), em uma cabine acústica, utilizando-se o programa *Audacity 2.0.5*, a uma taxa de amostragem de 44.100 Hz.

O material coletado foi transferido para o software Praat 5.0 para análise acústica. Anotamos então o local das pausas, classificando o tipo de marcador presente entre as *intonational phrases*, doravante *IPs*⁹⁸. Para fins de análise, consideramos o valor da pausa relativa, obtida pela razão entre o valor da pausa e a duração total das *IPs* que as precederam, multiplicado por 100.⁹⁹ Os valores das pausas produzidas por cada sujeito foram separados por marcador¹⁰⁰ e transferidos para o programa Biostat 5.3.¹⁰¹ Foram calculadas as médias dos valores referentes a cada marcador e, em seguida, essas médias foram comparadas entre si por meio do teste Kruskal-Wallis¹⁰². Foram consideradas diferenças significativas entre as médias valores de $p \leq 0,05$, para $\alpha = 0,05$. Para a comparação entre quaisquer dois marcadores, utilizamos o teste de separação de médias Teste Dunn¹⁰³.

Para análise comparativa da duração silábica, medimos a duração da sílaba tônica em dois pontos de cada *IP*: a sílaba tônica inicial e a sílaba tônica final.¹⁰⁴ À semelhança da pausa, consideramos também a duração silábica relativa, obtida pela razão da duração da sílaba analisada sobre a duração total da palavra, multiplicado por 100. Os dados coletados foram transferidos para o programa Biostat 5.3. Avaliamos, primeiramente, as diferenças entre as

⁹⁷ O texto foi lido cinco vezes para que fossem coletados dados suficientes para análise estatística, como será posteriormente explicado.

⁹⁸ Utilizamos aqui a terminologia proposta por Nespor e Vogel (1986). Para as autoras, as *intonational phrases* constituem-se de blocos que possuem um acento frasal e podem ter como limite a pausa, o alongamento da sílaba tônica final ou o reset da curva entoacional.

⁹⁹ Foram consideradas pausas os intervalos entre as *IPs*, preenchidos ou não por sons de respiração.

¹⁰⁰ A relação dos marcadores será exposta no item Resultados e análises. Os marcadores prosódicos podem ser os sinais gráficos observados por Cagliari (2002), fronteiras sintáticas ou fronteiras fonológicas.

¹⁰¹ Quinta versão do programa estatístico gratuito desenvolvido por Manuel Ayres (UFPA), principalmente para estudantes de graduação e pós-graduação das ciências biológicas. Acesso em: mamiraua.org.br

¹⁰² Teste não-paramétrico que compara três ou mais amostras independentes. Neste trabalho, as amostras referem-se aos valores de pausa mensurados para cada um dos marcadores prosódicos identificados.

¹⁰³ Parte do teste de Kruskal-Wallis que identifica se há diferença estatisticamente significativa entre duas das amostras utilizadas no teste.

¹⁰⁴ A observação das sílabas tônicas iniciais e finais foi aferida de oitiva. Consideramos a produção de cada sujeito e não a tonicidade prevista por grades métricas.

médias de duração de todas as sílabas tônicas iniciais e finais a fim de verificar se havia diferença estatisticamente relevante entre elas. Posteriormente, comparamos as médias das sílabas tônicas iniciais e finais separadamente para cada marcador prosódico registrado. Foram utilizados também neste procedimento o teste Kruskal-Wallis e o teste de separação de médias Teste Dunn.

Resultados e análises

Apresentaremos nesta seção os resultados por nós obtidos, iniciando pela descrição dos marcadores prosódicos presentes em *Um copo de cólera* e terminando com os correlatos físicos da caracterização rítmica, especificamente pausa e duração das sílabas tônicas, em uma amostra de leitura em voz alta realizada por três leitores.

Descrição e análise prosódica do romance *Um copo de cólera*

O romance *Um copo de cólera* tem como enredo o encontro de um casal na fazenda e sua rotina na casa até o início da briga, que corresponde ao clímax da história. A ordem dos acontecimentos pode ser compreendida levando-se em consideração apenas o título dos seis primeiros capítulos – A chegada, Na cama, O levantar, O Banho, O Café da Manhã, O esporro. O sétimo e último capítulo – também nomeado *A chegada* – não é contado pelo mesmo narrador dos outros, mas pela personagem feminina.

O narrador descreve os pormenores da rotina na fazenda. Ações, intenções e descrições são apresentadas em sequência, separados por vírgula em um único parágrafo, como podemos observar neste trecho retirado do primeiro capítulo:

[...] tirei um tomate da geladeira, fui até a pia e passei uma água nele, depois fui pegar o saleiro do armário me sentando em seguida ali na mesa (ela do outro lado acompanhava cada movimento que eu fazia, embora eu displicente fingisse que não percebia), e foi sempre na mira dos olhos dela que comecei a comer o tomate, salgando pouco a pouco o que ia me restando na mão, fazendo um empenho simulado na mordida pra mostrar meus dentes fortes como os dentes de um cavalo, sabendo que seus olhos não desgrudavam da minha boca, [...] (NASSAR, 1999, p.10)

A abertura de parênteses tem o papel, no trecho acima, de deixar claro que houve uma mudança de perspectiva: o narrador interrompe o que estava contando para relatar o posicionamento dos participantes da cena diante dos acontecimentos. Essa mudança poderia ser

executada, em uma leitura em voz alta, com alteração de tessitura, de velocidade de fala¹⁰⁵ ou de qualidade de voz.

O segundo capítulo tem como tema a noite do casal. O que é narrado, contudo, não são os fatos da noite, mas o fluxo de consciência do narrador. As expectativas em relação ao que vai acontecer são apresentadas com a descrição de eventos passados. Suas memórias são expostas uma seguida da outra, sem mudança de parágrafo ou presença de ponto final.

Os próximos três capítulos são a narração dos momentos que sucedem a noite e a continuação do romance que aí se iniciou – o levantar, o banho, o café da manhã. O texto segue a estrutura dos capítulos precedentes – cada capítulo contém um parágrafo em que o estado de espírito das personagens e suas rotinas são descritas minuciosamente por frases separadas por vírgula e pela conjunção “e”. O tom suspensivo é mantido ao longo da história, tornando difícil precisar quando começa e quando termina uma unidade de informação.

Em alguns trechos, encontramos a descrição de elementos do cenário (a fazenda, a casa, o quarto, a mesa do café), feitas no mesmo parágrafo em que as ações são narradas. Essas descrições, separadas por vírgulas ou por conjunções, aparecem entre os trechos do relato. O correlato semântico-pragmático desse tipo de pontuação é a ausência de separação entre cena e acontecimento. Os dois aspectos participam conjuntamente da construção do enredo. Nessa obra, sentimentos, pensamentos, ambiente e ações estão intimamente relacionados.

A preocupação em apresentar detalhes do ambiente em que a história acontece, bem como em registrar os sentimentos e emoções das personagens, segundo Wood (2011), é um compromisso da narrativa moderna. O bom romancista faz com que o leitor se transporte para o universo das personagens, mas o crítico literário se questiona: “Será que algum de nós realmente veria tudo isso?” (WOOD, 2011, p.52). Para ele, o distanciamento que ocorre entre a personagem (que parece ver tudo) e o indivíduo comum se deve em parte ao fato de que o autor é ao mesmo tempo realista e estilista. Observemos o trecho inicial do capítulo intitulado “O esporro”:

O sol já estava querendo fazer coisas em cima da cerração, e isso era fácil de ver, era só olhar pra carne porosa e fria da massa que cobria a granja e notar que um brilho pulverizado estava tentando entrar nela, e eu me lembrei que a dona Mariana,[...] (NASSAR, 1999, p.29)

¹⁰⁵ Na literatura, o termo taxa de elocução aparece como correlato de velocidade de fala. Embora haja diferenciação entre o uso dos dois termos por alguns autores, optamos por não fazer essa distinção aqui. A escolha pelo termo velocidade de fala justifica-se por ser essa a denominação presente no referencial teórico que embasa a nossa análise.

Nesse trecho, podemos notar o uso de vocabulário bastante diferente da linguagem cotidiana. É pouco provável que olhássemos para o céu e disséssemos “O sol já estava querendo fazer coisas em cima da cerração”, ou que usássemos a expressão “carne porosa e fria” para descrever essa cerração, ou ainda, ao invés de dizer que o tempo pode abrir, disséssemos: “um brilho pulverizado estava tentando entrar nela”. A linguagem cotidiana é cheia de metáforas, mas não desse tipo. “Carne porosa e fria” é uma metáfora literária, sendo que o uso desse tipo de linguagem constitui uma aproximação entre cotidiano e lirismo na escrita de Nassar.

O capítulo “O esporro” tem como conteúdo o transbordar, em palavras, da cólera do narrador. O que o diferencia dos outros, estruturalmente, é a intensidade adquirida pela repetição do mesmo padrão prosódico. Embora possua aproximadamente cinquenta páginas, há apenas um ponto final e as frases continuam a ser separadas por vírgula.

A proximidade da linguagem usada pelo personagem à de um indivíduo na mesma situação (neste caso, em uma briga), pode ser identificada no uso de sintaxe e vocabulário típico da fala. Algumas palavras ditas pelo narrador personagem são registradas de maneira a mostrar a sua pronúncia na fala rápida, como as elisões: pros (para os), c’o (com o), c’as (com as) e c’um (com um). Em várias passagens, porém, o discurso do narrador se assemelha à oratória e não a um desabafo produzido no calor da hora – a linguagem é muito articulada, sem os ‘tropeços’ típicos da fala espontânea, como vemos no trecho a seguir:

[...]me sinto hoje desobrigado, é certo que teria preferido o fardo do compromisso ao fardo da liberdade; não tive escolha, fui escolhido, e, se de um lado me revelaram o destino, o destino de outro se encarregou de me revelar: não respondo absolutamente por nada, já não sou dono dos meus próprios passos, transito por sinal numa senda larga, tudo o que faço, eu já disse, é por um olho no policial da esquina, o outro nas orgias da clandestinidade[...] (NASSAR, 1999, p.57 e 58)

O último capítulo do livro apresenta um narrador diferente, mostrando o ponto de vista da mulher sobre o encontro do casal¹⁰⁶. O leitor encontra o mesmo tipo de marcadores prosódicos dos outros capítulos, evidenciando que eles não são marcas exclusivas do discurso do narrador, mas caracterizam o estilo do autor.

¹⁰⁶ O contraponto apresentado pela mudança de narrador no último capítulo sugere que o conflito machismo-feminismo é uma temática significativa da obra. Para uma análise de *Um copo de cólera* sob o viés das questões de gênero, ver Peixoto (2011).

Análise acústica

A partir da leitura de cada informante, dividimos o trecho selecionado da obra em *IPs*, de acordo com o modelo de Fonologia Prosódica proposto por Nespor e Vogel (1986). Segundo as autoras, a formação de *IPs* está relacionada a fatores sintáticos, semânticos e pragmáticos. No que diz respeito à sintaxe, há tipos de construções que tendem a constituir *IPs* próprias: expressões parentéticas, orações adjetivas não restritivas, vocativos, expletivos e elementos deslocados.

Nespor e Vogel (1986) ressaltam que a sintaxe tem um papel importante, mas não exclusivo, na formação de *IPs*. Os fatores relacionados à produção dos sons que mais influenciam a reestruturação de *IPs*, de acordo com as autoras, são o tamanho do enunciado e a velocidade da fala. Quanto maior for o tamanho do enunciado, maior a probabilidade de ele ser dividido em diversas *IPs*. Fatores individuais, como o estilo de leitura, também exercem influência a ser considerada.

Apresentaremos, primeiramente, os marcadores prosódicos observados na leitura dos três sujeitos. Em seguida, os resultados da análise acústica das pausas produzidas pelos informantes e, ao final, os resultados da análise da duração das sílabas tônicas finais.

Os marcadores prosódicos

Os marcadores prosódicos que mais se destacam nos romances de Nassar são os sinais gráficos, o uso de expressões e vocábulos que marcam modos de dizer e a estruturação de cada capítulo contendo apenas um parágrafo. O trecho selecionado para gravação, contudo, não apresenta referências a modos de dizer do narrador-personagem.

Os marcadores gráficos encontrados no texto (abre e fecha aspas, abre e fecha parênteses, vírgula e ponto de interrogação) se realizaram, nas leituras dos três sujeitos, como delimitadores de *IPs*. Os sujeitos também utilizaram outros critérios para delimitar *IPs* na ausência desses marcadores, que foram assim classificados: erro, consertando o erro, dúvida, sintaxe e extensão.

As categorias “erro”, “consertando o erro” e “dúvida” não foram consideradas na nossa análise por estarem associadas a duas causas: desconhecimento do texto, principalmente nas primeiras leituras, e problemas técnicos de leitura (perder uma linha, confundir letras ou palavras).

Foram compreendidas como decorrência de “extensão” as pausas provenientes de duas situações: quando o sujeito pausava após perder o fôlego durante a leitura de uma frase longa ou quando dividia uma frase em pedaços de tamanho relativamente igual, mesmo que com isso houvesse desrespeitado os limites sintáticos. Os marcadores foram classificados como “sintaxe” quando, na ausência de vírgula ou de outro marcador gráfico, ocorreram pausas que delimitavam constituintes sintáticos. O número significativo de pausas entre constituintes sintáticos, encontrado nas leituras feitas pelos três sujeitos, confirma a afirmação de Serra (2009), Selkirk (1984) e Nespor e Vogel (1986/2007), dentre outros, de que a sintaxe influencia o fraseamento prosódico das línguas.

A pausa

Como mencionado anteriormente, consideraram-se pausas os intervalos entre as *IPs*, preenchidos ou não por sons de respiração. Os dados referentes à mensuração de pausa estão dispostos na tabela 1.

Tabela 1: Valores médios das pausas relativas, em %, dos diversos marcadores prosódicos dos três sujeitos e respectivos valores de p

Sujeitos	Marcadores									p
	? e fecha ”	Abre “	Abre (Conjunção “e”	Fecha ”	Fecha)	sintaxe	extensão	vírgula	
S1	46,8 e	18,8 abf	22,4 aef	15,6 acf	40,4 cde	37,8 e	17 fg	11,3 ag	21,8 abd	<0,0001 s ⁽³⁾
S2	23,3	15,5	19,6	18,6	25,1	44,1	23,8	23,6	23,2	0,0730 ns ⁽⁴⁾
S3	53,5 a	25 b	27,7 cb	23,6 b	33,6 ab	45,8 ac	24,2 b	14,9 b	27,1 b	<0,0001 s

Fonte: elaboração própria.

Obs: (1) Letras diferentes indicam médias diferentes estatisticamente

(2) Letras iguais indicam médias estatisticamente iguais

(3) s= significativo para $p \leq 0,05$

(4)ns= não significativo para $p > 0,05$

Observando os valores da tabela 1, verifica-se que o valor de p para o sujeito 1 é < 0.0001 , o que significa que houve diferença significativa entre os valores das pausas médias relativas associadas aos diferentes marcadores. O marcador que suscitou as pausas médias mais longas foi o ponto de interrogação anterior ao fechamento de aspas (46,8%), seguido do fechamento simples de aspas (40,4%), do fechamento de parênteses (37,8%), abertura de parênteses (22,4%), vírgula (21,8%), abertura de aspas (18,8%), sintaxe (17%), a conjunção “e” (15,6%) e extensão (11,3%).

Usando o teste de separação de médias Teste Dunn, verificamos a existência de diferenças significativas entre as pausas vinculadas à abertura de aspas e àquelas vinculadas ao seu fechamento. O mesmo não aconteceu, no entanto, na comparação entre aquelas vinculadas à abertura e ao fechamento de parênteses.

Os marcadores que indicam fechamento de ideias – interrogação seguida de fechamento de aspas, fechamento de aspas e fechamento de parênteses – suscitam pausas relativas médias significativamente mais altas do que aqueles que indicam início ou adição de algo novo – abertura de aspas ou parênteses –, do marcador que indica tom suspensivo – vírgula – e também dos marcadores “extensão” e “sintaxe”. Estes resultados sugerem que, na ausência de ponto final no interior do capítulo, o leitor reconhece no fechamento de aspas e parênteses um indício de informação semântica completa.

O marcador “extensão” não se mostrou significativamente diferente de nenhum outro para este sujeito, assim como o marcador “conjunção e”. Já as pausas suscitadas pelo marcador “vírgula” foram significativamente maiores do que aquelas suscitadas pelo marcador “sintaxe”. Esse fenômeno pode decorrer do fato de que, na prosa de Raduan Nassar, todas as vírgulas estão localizadas entre diferentes constituintes sintáticos, se tornando assim uma dupla pista para a execução de pausa.

Não foram verificadas, para este sujeito, diferenças significativas entre as pausas médias associadas aos marcadores de abertura (abre aspas ou parênteses) e aquelas associadas aos marcadores “vírgula”, “sintaxe” e “extensão”. Agrupamos então os marcadores em dois grupos, como mostra o quadro 1:

Quadro 1: Intervalo de pausa e respectivos marcadores para S1¹⁰⁷

INTERVALO DE PAUSA	MARCADOR
Curto	abre aspas, abre parênteses, conjunção “e”, sintaxe, extensão, vírgula
Longo	? e fecha aspas, fecha parênteses, fecha aspas

Fonte: Elaboração própria.

Diferentemente do que foi observado para o sujeito 1, o sujeito 2 não produziu diferenças entre os valores das pausas médias relativas dos diferentes marcadores prosódicos que fossem estatisticamente significativas, haja vista que o valor de $p = 0.0730$.

Para o terceiro sujeito, no teste de Kruskal-Wallis obtivemos $p < 0.0001$, o que significa que houve diferença significativa entre os valores das pausas médias relativas associadas aos diferentes marcadores. O marcador que suscitou as pausas médias mais longas foi o ponto de interrogação anterior ao fechamento de aspas (53,5%), seguido do fechamento simples de parênteses (45,8%), do fechamento de aspas (33,6%), abertura de parênteses (27,7%), vírgula (27,1%), abertura de aspas (25%), sintaxe (24,2%), a conjunção “e” (23,6%) e extensão (14,9%).

Os marcadores “interrogação anterior ao fechamento de aspas” e “fechamento de parênteses” geram pausas médias relativas significativamente maiores do que os marcadores que trazem informação nova (abertura de parênteses ou aspas) e do marcador que indica continuidade (vírgula). Eles também apresentam diferenças significativas em relação à extensão e a sintaxe.

Não houve, na leitura do terceiro sujeito, diferenças significativas nas pausas médias relativas associadas à vírgula ou à sintaxe. Essas também não se diferenciaram significativamente da conjunção “e”.

A partir dos resultados descritos, agrupamos os marcadores, na relação com as pausas médias relativas a eles associadas, nos dois grupos registrados no quadro 2:

¹⁰⁷ Para o sujeito 1, pausas foram consideradas longas quando maiores de 30%, e baixas quando inferiores a essa porcentagem.

Quadro 2: Intervalo de pausa e respectivos marcadores para S3¹⁰⁸

INTERVALO DE PAUSA	MARCADOR
Curto	abre aspas, abre parênteses, conjunção “e”, sintaxe, extensão, vírgula, fecha aspas
Longo	? e fecha aspas, fecha parênteses

Fonte: elaboração própria

Comparando-se os resultados obtidos para os três sujeitos, foram observadas semelhanças entre as leituras dos sujeitos 1 e 3, mas o estilo do sujeito 2 divergiu do dos outros. Enquanto para os sujeitos 1 e 3 foram detectadas relações entre tipo de marcador prosódico e pausa, para o sujeito 2 não pudemos fazer tal distinção. Isso talvez se deva ao fato de que este sujeito fez leituras mais rápidas do texto, apresentando uma quantidade menor de pausas por leitura. Enquanto o sujeito 1 pausou em média 52,8 vezes por leitura, o sujeito 3 pausou 44,6 vezes e o sujeito 2 pausou apenas 39,2 vezes. A média do tempo gasto por leitura pelo sujeito 1 foi de 129,6 segundos, pelo sujeito 3 foi de 121,4 segundos, enquanto o sujeito 2 gastou em média 98 segundos por leitura.

Os sujeitos 1 e 3, na ausência de ponto final, fizeram pausas maiores na presença de ponto de interrogação e de fechamento de aspas ou parênteses. Não houve diferença entre o tamanho das pausas médias utilizadas nos limites da abertura de aspas ou parênteses e o tamanho das pausas associadas à vírgula, a conjunção “e”, à extensão e à sintaxe. Concluimos então que, para esses sujeitos, há uma relação direta entre tamanho de pausa e término de unidade de informação.

O alongamento da sílaba tônica final

Para o sujeito 1, ao compararmos a duração relativa das primeiras sílabas tônicas de cada *IP* à duração relativa das últimas, observamos que há alongamento significativo das sílabas tônicas finais. Como podemos observar na tabela 2, a média da duração relativa das primeiras sílabas tônicas foi de 12,04%, enquanto a das últimas foi de 17,57% (com $p < 0,0001$). Esse resultado indica que o primeiro sujeito usa o alongamento silábico como estratégia para a demarcação de frases entoacionais.

¹⁰⁸ Para o sujeito 3, pausas foram consideradas longas quando maiores de 40%, e baixas quando inferiores a essa porcentagem.

Para analisar se a presença de certos marcadores prosódicos suscita o alongamento da sílaba tônica final, comparamos a média das sílabas tônicas iniciais com a das finais, por marcador, e obtivemos a seguinte tabela:

Tabela 2: Valores médios da duração relativa, em %, das sílabas tônicas iniciais (DMRS 1) e finais (DMRS2), geral e por marcador, para o Sujeito 1

	Duração Média Relativa das Sílabas Tônicas		p
	DMRS 1	DMRS 2	
Geral	12,04	17,57	<0,0001 s ⁽¹⁾
Por marcador	DMRS 1	DMRS 2	P
? e fecha "	16,15	32,51	0,0002 s
Abre "	10,43	16,09	0,2148 ns ⁽²⁾
Abre (10,01	11,18	0,1707 ns
Conjunção "e"	12,44	22,7	<0,0001 s
Fecha "	28,86	43,01	0,0758 ns
Fecha)	11,54	28,48	0,0156 s
Ponto final	7,53	14,85	0,0090 s
Sintaxe	12,74	17,05	0,0004 s
Extensão	9,5	12,1	0,2332 ns
Vírgula	11,22	14,68	<0,0001 s

Fonte: elaboração própria.

Obs: (1) s = significativo

(2) ns= não significativo

Os dados revelam que, para o sujeito 1, o alongamento silábico ocorre na presença da maior parte dos marcadores analisados, mas não de forma estatisticamente relevante quando a pausa é gerenciada por abertura de aspas ou parênteses, por fechamento de aspas ou por extensão. A ocorrência de alongamento silábico concomitantemente a pausas geradas por vírgula, pela conjunção "e" ou por fronteiras sintáticas pode ser uma estratégia do leitor para mostrar ao ouvinte que o conteúdo informacional da mensagem ainda não está completo.

Já para o sujeito 2, nossos dados revelam que o alongamento da tônica final também está presente. Enquanto a média dos valores da duração relativa da primeira sílaba de cada IP foi de 9,33%, a média da duração da sílaba tônica final foi de 13,21% (com $p < 0,001$).

Os dados obtidos na comparação entre alongamento silábico inicial e final por marcador, para o sujeito 2, estão dispostos na tabela 3.

Tabela 3: Valores médios da duração relativa, em %, das sílabas tônicas iniciais (DMRS 1) e finais (DMRS2), geral e por marcador, para o Sujeito 2

	Duração Média Relativa das Sílabas Tônicas		P
	DMRS 1	DMRS 2	
Geral	9,33	13,21	<0,0001s ¹
Por marcador	DMRS 1	DMRS 2	P
? e fecha "	7,41	14,84	0,0233 s
Abre "	6,59	9	0,5127 ns ²
Abre (7,87	7,93	0,5453 ns
Conjunção "e"	9,85	13,16	0,4678 ns
Fecha "	10,91	16,41	0,0090 s
Fecha)	11,9	28,53	0,0469 s
Ponto final	8,92	12,78	0,0758 ns
Sintaxe	12,46	16,93	0,2354 ns
Extensão	11,18	11,68	0,8095 ns
Vírgula	8,35	11,51	0,0001 s

Fonte: elaboração própria.

Obs: (1) s = significativo

(2) ns= não significativo

Há associação entre marcadores que denotam fechamento de uma ideia (fecha aspas, fecha parênteses e ponto final) e alongamento da tônica final. Para os marcadores “abre aspas” e “abre parênteses”, o teste não encontrou relação estatisticamente significativa com alongamento silábico da tônica final.

Para os marcadores prosódicos que indicam pausas menores, apenas a vírgula criou contexto para o alongamento silábico. Não foi detectada relação estatisticamente válida entre a presença da conjunção “e” ou de fronteiras sintáticas (não seguidas de marcadores gráficos) e alongamento silábico.

Para o sujeito 3, a média da duração relativa das primeiras sílabas tônicas das *IPs* foi de 10,58%, enquanto a duração média das últimas sílabas tônicas foi de 15,45% (com $p < 0,0001$). A presença de alongamento silábico na fronteira de *IPs* também se confirmou aqui como estratégia de leitura.

Os dados obtidos na comparação entre alongamento silábico inicial e final por marcador, para o sujeito 3, estão dispostos na tabela 4.

Tabela 4: Valores médios da duração relativa, em %, das sílabas tônicas iniciais (DMRS 1) e finais (DMRS2), geral e por marcador, para o Sujeito 3

Geral	Duração Média Relativa das Sílabas Tônicas		P
	DMRS 1	DMRS 2	
	10,58	15,45	<0,0001s
Por marcador	DMRS 1	DMRS 2	P
? e fecha "	16,53	35,86	0,0002 s
Abre "	11,4	19,05	0,0328 s
Abre (9,09	7,67	0,1211 ns
Conjunção "e"	8,38	15,64	0,0163 s
Fecha "	18,51	19,84	0,6015 ns
Fecha)	13,09	26,68	0,0233 s
Ponto final	7,85	9,55	0,2087 ns
Sintaxe	11,99	17,53	<0,0001 s
Extensão	12,3	27,97	0,0283 s
Vírgula	8,85	11,04	0,0013 s

Fonte: elaboração própria.

Obs: (1) s = significativo

(2) ns= não significativo

Não foi verificada, para o sujeito 3, associação entre abertura ou fechamento de uma ideia e alongamento da sílaba tônica final, haja vista que o valor de *p* é significativo na abertura de aspas mas não na de parênteses, e no fechamento de parênteses mas não no de aspas.

Para os marcadores “vírgula”, “sintaxe”, “conjunção e” e “extensão”, há alongamento estatisticamente relevante da sílaba tônica final. Esse resultado pode ser um indício que o sujeito 3, assim como o sujeito 1, usa o alongamento silábico como estratégia para manter o tom suspensivo, mostrando ao ouvinte que não há término de unidade de informação.

Considerações finais

Considerando os objetivos da pesquisa e a pergunta que a norteou, pudemos constatar, na nossa leitura do romance de Nassar, duas funções importantes do uso de marcadores prosódicos em sua escrita literária: a recuperação de elementos da fala das personagens e a caracterização do estilo do autor.

Os elementos da fala das personagens são marcados, em *Um copo de cólera*, pelo uso de sinais gráficos e pela estruturação do texto em parágrafos e capítulos. A divisão do conteúdo do livro em capítulos, a separação em partes, e a presença de títulos nomeando os capítulos participam da construção do ritmo da obra.

A análise acústica feita a partir da leitura em voz alta de trecho da obra pelos três participantes da pesquisa demonstrou que os marcadores prosódicos mais utilizados para a

demarcação de *IPs* foram os sinais gráficos de pontuação. Como havia períodos longos sem a presença desses marcadores, ocorreram também pausas relacionadas à separação de sintagmas (critério sintático) e pausas decorrentes da necessidade de se cadenciar a fala (critério fonológico).

Os marcadores prosódicos registrados associaram-se de forma distinta aos dois correlatos rítmicos analisados neste trabalho: a pausa e o alongamento da sílaba tônica final. Ao depararem-se com as dificuldades impostas pelo trecho selecionado à leitura em voz alta, os participantes da pesquisa produziram falas com maior ou menor quantidade de pausas, a depender do estilo de cada um. A correlação entre o alongamento da sílaba tônica final e a presença de determinado marcador revelou padrões similares dos leitores, embora tenha havido variações de motivação idiossincrática. A língua determina, assim, um leque de opções a partir das quais os leitores vão imprimir seu estilo próprio.

Nosso trabalho reforça a hipótese de Cagliari (2002) de que a organização prosódica do texto escrito reflete características da fala. Outros correlatos importantes da prosódia da língua, como a curva melódica, a intensidade e a qualidade de voz não foram objeto deste trabalho, permanecendo um tópico aberto para investigação.

Referências

CAGLIARI, L.C. **Elementos de Fonética do Português Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Paulistana, 2007.

_____. A Estrutura Prosódica do romance A Moreninha. Oxford: Estágio Pós-Doutoral, 2002. 40 p. (**Relatório**).

_____. Breve História da Pontuação. In: VI CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGUÍSTICA APLICADA, 1., 1995, Campinas. **Anais...** Campinas: Unicamp, 1995. p. 177-183.

_____. Marcadores prosódicos na escrita. In: ESTUDOS LINGUÍSTICOS XVIII, SEMINÁRIOS DO GEL, 1., 1989, LORENA. **Anais...** Lorena: GEL, 1989. p. 195-203.

MADUREIRA, S. Pitch Patterns In Brazilian Portuguese. In: 5th AUSTRALIAN INTERNATIONAL CONFERENCE ON SPEECH SCIENCE AND TECHNOLOGY, 1994, PERTH. **Proceedings of the 5th Australian International Conference on Speech Science and Technology**. Perth, Australia, 1994. v. 1. p. 156-158.

NASSAR, RADUAN. **Um copo de cólera**. 5. ed. São Paulo: Cia. Das Letras, 1992.

NESPOR, M; VOGEL, A. **Prosodic Phonology**. Dordrecht-Holland: Foris Publications, 2007.

PACHECO, V. Leitura e Prosódia: o Caso dos Sinais de Pontuação. In: SILVA, M.C. ; PACHECO, V. ; OLIVEIRA, A. S. **Em torno da Língua(gem): Questões e Análises**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007. p. 41-69.

PEIXOTO, A. P. M. **Nas tramas da trapaça: Uma análise de Um copo de cólera sob a perspectiva dos estudos de gênero**. 2011. 200f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Disponível em: <http://dspace.c3sl.ufpr.br/>

SELKIRK, E. O. **Phonology and Syntax: The relation between sound and structure**. Cambridge: The M.I.T. Press, 1984.

SERRA, C. R. **Realização e percepção de fronteiras prosódicas no português do Brasil: fala espontânea e leitura**. 2009. 241f. Tese (Doutorado em Linguística) - Rio de Janeiro: UFRJ.

WOOD, J. **Como funciona a ficção**. 1. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2011.